

EU TENHO INSTITUTO DOUTOR!

João, pedreiro, preto, 38 anos, pobre, internado pela emergência com sangramento decorrente de uma úlcera no intestino. Foi operado de emergência e 24 horas depois se identificou uma infecção interna generalizada. Os drenos abdominais da cirurgia coletavam grande quantidade de pus. O estado dele era crítico. Foi decidido transferi-lo para o recém inaugurado CTI. O João ficou numa área isolada. Iniciaram a aplicação de medicamentos e também a recém adotada alimentação parenteral. O João não ingeria nada pela boca, toda sua nutrição seria pelas veias.

Isto dava muito trabalho para a enfermagem e tanto os médicos quanto a enfermagem não viam muita possibilidade de ele sobreviver.

Internos da medicina e da enfermagem foram escalados para auxiliarem nos cuidados do paciente. Eles adotaram uma rotina compartilhada para estes cuidados. As internas da enfermagem ficaram com os cuidados diários de um paciente de CTI. Os internos da medicina verificar a evolução clínica do João e preparar a alimentação parenteral. Isto exigia que diariamente se preparassem as soluções parenterais num ambiente estéril, com todos os ingredientes nutricionais para administrá-los ao paciente. Levava pelo menos umas duas horas de preparação seguindo-se uma receita afixada na prescrição médica. Tanto disso, tanto daquilo mais aquilo outro e assim o João tomava litros de soro preparado além da medicação com potentes e novos antibióticos.

Para surpresa de todos as secreções purulentas diminuíram e o João visivelmente melhorava. Por quase um mês se manteve esta rotina até que a infecção fosse debelada. Retiraram-se os drenos e lhe deram alta do CTI transferindo-o para uma enfermaria, onde passou a se alimentar normalmente. Os estudantes internos tanto da medicina quanto da enfermagem foram estimulados pela chefia a apresentarem o caso na sessão clínica que ocorria todo mês.

Para ilustrar o caso eles fizeram um levantamento de quanto custara aquela internação até ali. Era uma cifra exorbitante. Discutia-se então como poderia uma instituição assistencial arcar com tais despesas além das considerações sobre os custos das novas terapias., principalmente para um hospital universitário. Eram questões institucionais muito relevantes. O HUPE sobrevivia com a cobrança das internações ao seguro social do estado o INPS, que não cobria todas as despesas. Adicionava-se a estes fatos as questões éticas, sociais, econômicas e médicas. Foi uma sessão muito rica de ensinamentos.

Os médicos residentes ainda acompanharam o João até que ele tivesse alta, o que logo aconteceu, e ele passou a ser seguido no ambulatório.

Numa destas consultas quando se preparava um artigo sobre o caso para publicação numa revista médica, eu mostrei os dados para ele e falei:

- João, teu tratamento custou o preço de uma casa nova.

No que ele me retrucou:

- Eu tenho instituto né Doutor.